

# BENTINHO MATOU?



**BENTO FERNANDES SANTIAGO  
ESTÁ SENDO ACUSADO DE MATAR  
MARIA CAPITOLINA SANTIAGO.**

**VENHA DESCOBRIR O DESFECHO EM UM JÚRI SIMULADO  
DIA 10/10, ÀS 13H, NO SALÃO NOBRE DA FACULDADE DE DIREITO DA USP.**

**COORDENAÇÃO ACADÊMICA: MARCOS ALEXANDRE COELHO ZILLI**

**PARTICIPAÇÃO: PROFESSORES HENRIQUE CAIVANO SOARES E SANDRA REGINA CHAVES NUNES**

**ORGANIZAÇÃO: FERNANDO ARRUDA, LEILA CURTO, HAISSA VIVI ZANGALI, LUCAS BRANDÃO BORGES CAIADO,  
GABRIELA STEFANY SOARES SIKANSI**

**CONTRIBUIÇÃO: MARCO ANTONIO GONÇALVES KAWAJIRI, ELOISA YANG**

# DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO

HOJE QUINTA FEIRA DIA 29 DE JANEIRO DO ANNO DE 1880

CAPITOLINA, QUE HAVIA ACABADO DE RECTORNAR AO RIO DE JANEIRO DE UMA VIAGEM À SUÍÇA, FOI ENCONTRADA MORTA NA MADRUGADA DE ONTEM, DIA 18 DE JANEIRO DE 1880, NO SOFÁ DA SALA DE ESTAR DE SUA CASA POR GUARDA MUNICIPAL PERMANENTE, DO CORPO DE GUARDAS DO RIO DE JANEIRO. AINDA NÃO SE SABE O QUE CAUSOU SUA MORTE.







MINISTÉRIO PÚBLICO DO RIO DE JANEIRO

**EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ DE DIREITO DO I TRIBUNAL  
DO JÚRI DA COMARCA DO RIO DE JANEIRO**

**Inquérito Policial nº 634/2011**

**O MINISTÉRIO PÚBLICO DO RIO DE JANEIRO**, através de seus Representantes que a esta subscreve, no uso de suas atribuições legais, nos termos do artigo 41, do Código de Processo Penal, vem perante Vossa Excelência para propor a presente **denúncia contra BENTO FERNANDES SANTIAGO**.

Apurou-se no incluso inquérito policial que no dia 18 de janeiro de 1880, por volta das 22h00, na Rua do Lavradio, 34, Bairro das Laranjeiras, nesta cidade e comarca, Bento Fernandes Santiago, devidamente qualificado nas folhas 45, agindo com intenção homicida e mediante motivo fútil, provocou a morte da vítima Maria Capitolina Santiago, mediante emprego de veneno, conforme causa descrita em laudo necroscópico (fls. 28/30).



## MINISTÉRIO PÚBLICO DO RIO DE JANEIRO

Segundo o constatado, Bento Fernandes Santiago, cônjuge da vítima Capitolina, desconfiava da fidelidade de sua esposa. O acusado pregoava que Capitolina havia traído-o com Ezequiel de Souza Escobar, sendo Ezequiel Santiago fruto desta infidelidade. Domado pelo ciúme e desconfiança, Bento Santiago ordenou que Capitolina e seu filho vivessem na Suíça.

No entanto, inconformada com a decisão e desconfiança do marido, a vítima retornou ao Rio de Janeiro no início de janeiro deste ano para aqui morar com o filho Ezequiel. Conforme elucidativa carta enviada ao acusado, Capitu (como era chamada pelos mais próximos) esclareceu que as desconfianças de Bento eram infundadas e, por isso, voltaria ao Rio de Janeiro, para morar próxima de seu marido e familiares. A carta foi entregue a José Dias, que a encaminhou ao acusado.

No dia dos fatos, irascível pela fúria causada pela desobediência da esposa, e obcecado pelo ciúme doentio e pela injusta desconfiança de adultério, Bento Fernandes Santiago, munido de um recipiente contendo o veneno que resultou na morte da vítima, foi até o local dos fatos, residência em que Capitu estava, e a chamou. Como esperava pelo marido, a vítima permitiu a entrada do acusado em sua residência. No local, houve uma discussão, que resultou em luta corporal, conforme restou demonstrado em laudo necroscópico, com a constatação dos pulsos arroxeados e o vestido da vítima ligeiramente rasgado. No local, ainda, havia objetos quebrados e despedaçados ao chão.

Com intenção homicida, e sob a escusa de que acalmaria a esposa após a briga, Bento Santiago preparou um chá, despejando o conteúdo do recipiente que trouxera na chávena. Em seguida, ofereceu a bebida à Capitu que, sem desconfiar de



## MINISTÉRIO PÚBLICO DO RIO DE JANEIRO

que o marido havia envenenado o chá, aceitou. Esta, após ingeri-la, sucumbiu, tendo falecido poucos minutos depois. O acusado, assim, deixou o local do crime.

O crime ocorreu em razão de motivo fútil, consistente no desejo do denunciado em impedir que a vítima voltasse a viver no Rio de Janeiro com seu filho e, conseqüentemente, expusesse seu adultério à sociedade.

O crime aconteceu com o emprego de veneno, sendo o meio insidioso e cruel. Ademais, o delito foi cometido mediante traição, o que impossibilitou a defesa do ofendido. Na verdade, Capitu sequer discerniu o que ocorrera.

Assim sendo, **denuncio Bento Santiago como incurso nas penas do artigo 121, § 2º, incisos II, III e IV, concomitantemente artigo 61, inciso II, alínea “e”, ambos do Código Penal**, requerendo seja citado para acompanhar o presente feito, obedecendo-se o rito previsto nos artigos 406 e seguintes do Código de Processo Penal, até decisão de pronúncia e julgamento em sessão plenária. Requer-se, ainda, a oitiva das testemunhas ao final arroladas.

Rio de Janeiro, 30 de março de 2011.

**Pedro Satto Coutinho**

**Promotor de Justiça do I Tribunal do Júri**

**Patrícia Monteiro Rocha**

**Promotora de Justiça do I Tribunal do Júri**



## MINISTÉRIO PÚBLICO DO RIO DE JANEIRO

Rol de testemunhas.

1. José Dias (fls. 33)
2. José da Silva (fls. 35)



**TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO**  
**COMARCA DO RIO DE JANEIRO**  
**1ª VARA DO JÚRI**

**TERMO DE OITIVA DE TESTEMUNHA**

**Proc. nº: 0000000-00.1880.8.26.0052– Data: 20 de agosto de 1880**

**DEPOIMENTO DA TESTEMUNHA:** JOSÉ DIAS, devidamente qualificado nos autos. Compromissada na forma da lei e advertido sobre o crime de falso testemunho, pelo MM. Juízo, prometeu dizer a verdade. **Inquirido pelo MM. Juiz, às perguntas respondeu:** que no dia 18 de janeiro pela manhã, não soube precisar o horário, recebeu, por um mensageiro, uma carta de “CAPITU” (MARIA CAPITOLINA SANTIAGO) pedindo para que a encontrasse. Dirigiu-se ao encontro dela e notou que estava abatidíssima, pareceu exaltadíssima com sua mudança para a Europa, e que não estaria disposta a deixar o Rio de Janeiro novamente, mas não entendia porque ela havia de estar descontente por estar num lugar tão maravilhoso como a Europa. Ela não pareceu se incomodar ao mencionar o escândalo que poderia gerar na cidade os boatos de o casal, dela e BENTO FERNANDES SANTIAGO, estarem morando separados, inclusive pareceu felicíssima com a eventual possibilidade de prejudicar BENTO, de qualquer maneira. Ela perdia a compostura quando tocava em assuntos como a relação de BENTO com seu filho, EZEQUIEL, razão pela qual o depoente sugeriu à “CAPITU” que seu filho permanecesse na casa da avó, DONA GLÓRIA, aonde residia também o depoente; a proposta foi feita pelo depoente temendo pela sanidade física e mental do garoto caso permanecesse naquela casa, e que após muita insistência, principalmente sob o argumento de que DONA GLÓRIA estava muito doente, e constantemente piorando, a mãe do menino permitiu. Informou, ainda que “CAPITU” pediu ao



**TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO**  
**COMARCA DO RIO DE JANEIRO**  
**1ª VARA DO JÚRI**

depoente para que entregasse uma carta a BENTO, explicou que a carta apenas pedia para que BENTO fosse em seu encontro, e ele, como lhe foi pedido, sequer abriu a carta, apenas entregou-lhe a BENTO, em sua casa, razão pela qual não pode confirmar se era esse mesmo o conteúdo da carta. Ao entregar a carta a BENTO percebeu que ele ficou pensativo, o que, segundo acreditava, era porque estaria em dúvida em aceitar ou não o pedido de “CAPITU”, e que ele ressaltou seu incômodo pela presença de “CAPITU” e EZEQUIEL novamente no Rio de Janeiro, mas não delongou sua visita na casa de BENTO, pois não poderia permanecer muito tempo fora de casa, tendo que cuidar da DONA GLÓRIA, que se encontrava muito doente. Retornou a casa em que vivia, aonde permaneceu pelo resto do dia, sem ter visto CAPITU ou BENTO. Já à noite DONA GLÓRIA teve uma piora, e solicitou ao depoente que fosse buscar seu filho, BENTO, para que ela pudesse se despedir; ele não olhou no relógio, mas acredita ser por volta das 22:00 horas que ele saiu de sua casa para ir até a casa de BENTO. Ao chegar na casa, bateu na porta, mas não obteve resposta, continuou insistindo, pois acreditava que todos – BENTO e seus empregados – deveriam estar dormindo, e, por isso, não tinham ainda acordado com as batidas na porta. Após alguns minutos de insistência, BENTO chegou com seu carro, parecia um pouco irritado, e mencionou que tinha estado na casa de “CAPITU”, aonde haviam discutido e que não fez mais perguntas a BENTO, por isso não sabe maiores detalhes, e ambos seguiram juntos até a casa de DONA GLÓRIA, aonde permaneceram até a manhã do dia seguinte quando foram procurados pela polícia. **Dada a palavra à Defesa, às perguntas respondeu:** que não acredita que BENTO teria matado “CAPITU”, que conhece ele desde pequeno, acompanhou seu crescimento, cresceu com os valores cristãos e teve formação de seminarista, por isso não acredita que ele possa ter causado uma morte; que como já disse anteriormente, “CAPITU” estava com alguns pensamentos estranhos, além de não parecer estar muito sã, perdendo constantemente sua compostura; que além de não estar contente com o caminho que sua vida tinha seguido, parecia estar disposto a tudo para ferir BENTO; que “CAPITU” tinha olhos de cigana oblíqua e dissimulada até o último





**TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO**  
**COMARCA DO RIO DE JANEIRO**  
**1ª VARA DO JÚRI**

momento que a viu viva. **Dada a palavra ao Ministério Público, nada lhe foi perguntado.**

NADA MAIS. Para constar lavrei este termo que vai devidamente assinado por mim  
\_\_\_\_\_ (MARIA DA SILVA), Escrevente, subscrevi.

MM. Juízo:

Ministério Público:

Defensor:

Testemunha:



**TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO**  
**COMARCA DO RIO DE JANEIRO**  
**1ª VARA DO JÚRI**

**TERMO DE OITIVA DE TESTEMUNHA**

**Proc. nº: 0000000-00.1880.8.26.0052 – Data: 20 de agosto de 1880**

**DEPOIMENTO DA TESTEMUNHA:** JOSÉ DA SILVA, Guarda Municipal Permanente, qualificado nos autos. Compromissado na forma da lei e advertido sobre o crime de falso testemunho, pelo MM. Juízo, prometeu dizer a verdade. **Inquirido pelo MM. Juiz, às perguntas respondeu:** que no dia 18 de janeiro do anno de 1880 fazia ronda pelo bairro das Laranjeiras, como fazia em todos os dias em seu trabalho. Era um pouco depois das 23 horas quando avistou, na rua do lavradio, uma porta entreaberta com a luz acesa, na casa, que posteriormente descobriu-se ser de MARIA CAPITOLINA SANTIAGO, quem o depoente informou que não conhecia bem, apenas sabia ser uma mulher que tinha acabado de se mudar para aquela casa. Por se tratar de uma situação estranha, em que a porta da casa estava aberta tão tarde, com a luz acesa, acreditou ser melhor averiguar a situação. Ao bater na porta, não obteve resposta, apesar de ter avistado uma mulher no sofá da sala, e alguns objetos quebrados no chão do local, o que poderia ser um indício de uma briga que ocorreu no local. Insistiu, tentando por inúmeras vezes, de diversos modos, chamar a atenção da mulher, batendo palmas, batendo na porta, ou chamando-a, mas não obteve qualquer reação da mulher que permaneceu completamente imóvel. Acreditando ser aquela uma situação de extrema necessidade, adentrou no local, aonde constatou que a mulher, que até então desconhecia sua identidade, estava morta, e que seu corpo estava sentado no sofá na sala, em frente a uma mesa de centro, aonde foi encontrada uma chávena, com ainda um resto do que parecia ser chá. O corpo da mulher não havia sinais visíveis do que poderia ter causado a morte, sendo apenas possível observar um arroxeadado em torno de seus pulsos, e alguns pequenos rasgos em suas vestimentas, o que indicaria uma briga. Ainda



**TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO**  
**COMARCA DO RIO DE JANEIRO**  
**1ª VARA DO JÚRI**

em observação inicial ao local do crime, verificou-se que a pia da cozinha ainda continha um líquido, razão pela qual este foi enviado, bem como o líquido que estava na chávena, para a perícia, que posteriormente constatou a presença de veneno, que foi exatamente o que causou a morte de MARIA CAPITOLINA. Na casa não havia a presença de mais nenhuma pessoa, nem sinais de arrombamento nas portas. **Dada a palavra ao Ministério Público, às perguntas respondeu que:** participou da busca e apreensão na casa de BENTO, ainda na fase de inquérito policial, na qual foi encontrado, dentro da maleta, com os pertences pessoais do mesmo, um frasco vazio, que, posteriormente, com o auxílio da perícia, descobriu-se que ainda continha resto do mesmo veneno utilizado para matar MARIA CAPITOLINA. **Dada a palavra à Defesa, às perguntas respondeu:** achou um pouco curioso, dentre os objetos apreendidos na busca e apreensão realizada na casa de MARIA CAPITOLINA, um caderno, no qual constavam os Gastos Pessoais da mesma. Neste caderno, a última anotação de gasto foi com a compra de um suposto remédio, pelo preço de mil réis. Ocorre que, além de não ter sido encontrado nenhum remédio em toda a casa, com relação ao preço, apurou-se, no decorrer do inquérito, que mil réis era o valor aproximado pelo qual se comprava um frasco do veneno arsênico, no mercado negro.

NADA MAIS. Para constar lavrei este termo que vai devidamente assinado por mim \_\_\_\_\_ (MARIA DA SILVA), Escrevente, subscrevi.

MM. Juízo:

Ministério Público:

Defensor

Testemunha:

# GAZETA DE J A -



# DO RIO NEIRO

TERÇA 27 DE JANEIRO DE 1880.

*Doctrina . . . vim promovet insitam,  
Recti que cultus petora roborant* H O R A T .

## REVIRAVOLTA ESCANDALOSA NA MORTE DA RUA DO LAVRADIO –

**A**s competentes autoridades, dando prosseguimento às investigações do caso da morte da senhora Maria Capitolina Santiago, averiguaram ter sido a respeitável dama **envenenada**. O gravame se dá ainda pelo frasco ter sido encontrado, segundo fontes de inconteste honra, em posse do viúvo, o rico causídico Bento Fernandes Santiago.

Boatos ainda há de que estava o casal distanciados desde longa data e que o infame senhor, enquanto mantinha a respeitável senhora e seu único herdeiro ainda em tenra idade no exterior, maculava o leito conjugal com a visita de mulheres de vida fácil.

Em entrevista o suspeito nega qualquer relação com a morte e faz-se de desentendido sobre a descoberta do frasco do referido veneno em sua residência, mas confessa ter concedido visita à sua « *amada esposa* » no dia do ocorrido. O senhor doutor Santiago diz ter recebido mensagem da vítima informando o retorno da viagem e pedindo que fosse vê-la em sua residência.

Em sua declaração, ele afirma não acreditar que possa haver qualquer inconveniente em ter a sua esposa locado uma moradia em separado vez que andava em discussões com sua mãe, a digníssima senhora Glória Santiago, e intentava retardar o conhecimento desta de seu retorno.

O CRIME DE VILLA ISABEL. – *Ao doutor Eulalio Monteiro*, activo delegado do 16º districto, foi hontem entregue o laudo dos medicos doutores Salles e Jacinto de Barros, do gabinete medico legal e que foram encarregados de verificar a causa morte do infeliz Bernadino Ignacio Pereira.

O Laudo que é a peça mais importante do processo a ser instaurado contra o barbeiro tenente Alexandre Trindade, assassino do desafortunado.

Bernadino Pereira, conclue declarando que « *a morte de Bernadino Ignacio Pereira foi devido a hemorragia into-craniana consecutiva a fractura da base do craneo* ».

Diante dessa importante prova e pelo primeiro depoimento do famigerado Trinadade, fica patentemente provado o seu crime. O delegado vai pedir a prisão previa do acusado.





**TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO**

**COMARCA DO RIO DE JANEIRO**

**1ª VARA DO JÚRI**

Processo n.º: 0000000-00.1880.8.26.0052

Classe – Assunto: Ação Penal de Competência do Júri – Homicídio Qualificado

Autor: Ministério Público do Rio de Janeiro

Réu: Bento Fernandes Santiago

Juiz(a) de Direito: Dr(a). Alcides Braga Pimenta

Vistos.

BENTO FERNANDES SANTIAGO, qualificado nos autos, foi denunciado como incurso no artigo 121, § 2º, incisos II, III e IV, do Código Penal c.c. artigo 61, do mesmo diploma legal, pois, no dia 18 de janeiro de 1880, por volta das 22 horas, na Rua do Lavradio, 34, Laranjeiras, na cidade do Rio de Janeiro – RJ, com intenção homicida, por meio do uso de veneno, matou MARIA CAPITOLINA SANTIAGO.

O crime teria sido cometido por motivo fútil, posto que motivado por uma briga entre o Acusado e a vítima, cônjuges, que teve como estopim o relacionamento de BENTO com seu filho, Ezequiel, uma vez que o Acusado desconfiava desta paternidade, o que conseqüentemente gerava dúvidas a respeito da infidelidade conjugal da vítima. O desentendimento também teria se iniciado pelo fato de CAPITOLINA não se conformar com sua estada na Suíça a mando do Acusado, pois o exílio teve por objetivo evitar qualquer tipo de boato ou escândalo acerca da separação, de fato, do casal.

A denúncia foi recebida em 15 de julho de 1880 (fls. 05/06).



# TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

## COMARCA DO RIO DE JANEIRO

### 1ª VARA DO JÚRI

O Acusado foi citado pessoalmente, com apresentação de defesa preliminar de fls. 20/26.

No curso da instrução, foi colhido o relato das testemunhas José Dias (fls. 84/86) e do Guarda Municipal Permanente José da Silva (fls. 90/92).

Por último, o acusado foi interrogado, às fls. 97/101.

O Ministério Público apresentou alegações finais orais, postulando pela pronúncia, nos termos da denúncia. Por outro lado, a defesa se manifestou em alegações finais orais para pedir pela impronúncia, uma vez que não haveria indícios suficientes de autoria, conforme disposto no artigo 414, do Código Penal.

### **É o relatório.**

### **Fundamento e DECIDO.**

Ante a análise do processado, constato ser hipótese de acolhimento do pedido proferido pelo *parquet*, para pronunciar o acusado pela prática de um crime de homicídio triplamente qualificado, agravado pelo fato de ter sido intentado contra cônjuge, em tese, defronte à presença dos requisitos estipulados no artigo 413, do Código de Processo Penal, cuja finalidade é submeter a causa à apreciação do Conselho de Sentença.

*A priori*, verifica-se que a materialidade do delito está devidamente comprovada, diante à presença do laudo necroscópico de fls. 28/30, do inquérito policial.

Os indícios de autoria, complementarmente ao requisito anterior, estão presentes, conforme se aduz diante às provas orais e documentais produzidas no



## TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

### COMARCA DO RIO DE JANEIRO

#### 1ª VARA DO JÚRI

curso da instrução processual, notadamente, da descoberta do *corpus instrumentorum criminis* na residência do Acusado.

Ao prestar depoimento, o Guarda Municipal José da Silva afirmou que o corpo da vítima foi encontrado no sofá, com o pulso arroxeadado e o vestido ligeiramente rasgado, diante de uma chávena, posta numa mesa de centro, que continha resquícios de chá, havendo objetos quebrados jogados pelo chão, o que evidenciava a ocorrência de uma luta corporal entre vítima e Acusado. Ademais, dos líquidos que restavam na chávena e também sobre a pia foram colhidas amostras para posterior realização de exame pericial, que concluiu se tratar de chá juntamente a arsênico, veneno de rápido efeito e letal.

Insta salientar ainda que, através das diligências intentadas na residência de BENTO, conforme indica ainda a testemunha José da Silva, foi encontrado na mala do Acusado um frasco contendo resquícios da mesma substância utilizada no homicídio da vítima.

Do relato do Guarda Municipal podemos inferir um cenário que traz como elementos a violência física, evidenciada pela equimose nos pulsos da vítima, e a utilização insidiosa, em tese, de veneno por BENTO, pois não sabido por CAPITOLINA, diminuindo, assim, suas chances de defesa. No que toca ao elemento violência, o próprio relato do Acusado a respeito da luta corporal intentada não é muito preciso, pois, sob o argumento de que estava imbuído por forte emoção, alega não possuir as memórias aclaradas para afirmar o que ocorreu. Além disso, o fato de o veneno, que foi detectado como a *causa mortis* de CAPITOLINA, ser encontrado em poder de BENTO – a despeito de este afirmar que tal substância seria a mesma que ele já utilizou para colocar em seu próprio café, em uma tentativa frustrada de suicídio – revela fortes indícios de autoria.

A testemunha José Dias noticiou que, na noite da morte de CAPITOLINA, teve que se deslocar até a residência do Acusado, pois a mãe deste, Dona Glória, por ter uma piora em seu estado de saúde, pedia a presença do filho.



## TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

### COMARCA DO RIO DE JANEIRO

#### 1ª VARA DO JÚRI

Destacou que, ao lá chegar, como ninguém o atendeu, resolveu esperar. Após alguns minutos, BENTO chegou e parecia muito irritado, mencionando que havia discutido com CAPITOLINA.

Ressalte-se ainda que, neste mesmo dia, BENTO havia recebido uma carta de CAPITOLINA, cuja cópia esta acostada aos autos, como se depreende do depoimento da testemunha José Dias, em que a vítima declarou seu inconformismo frente ao exílio imposto pelo marido, seja pelo objetivo banal de se evitar qualquer tipo de burburinho sobre o fato do casal passar a viver em casas separadas, seja por ter que viver distante da família e dos amigos. Ainda, traz como inquietação o comportamento de BENTO frente ao filho, que preferia também o ver longe do Rio de Janeiro, como forma de afastar o fantasma do suposto adultério cometido pela vítima. Desta feita, observados os motivos que faziam BENTO querer que a vítima mantivesse estadia na Europa, há configuração de motivo fútil, uma vez que há clara desproporcionalidade entre, em tese, a conduta delitiva por ele intentada e os motivos que o levaram a praticá-la.

Ora, os relatos trazem indicativos suficientes de autoria delitiva, acima de tudo, contando com descoberta do frasco que continha resquícios do veneno declarado na *causa mortis* de CAPITOLINA em poder de BENTO, de maneira que, presentes indícios, a competência para julgamento fica estipulada como sendo do Tribunal do Júri, por seu Conselho de Sentença.

Assenta-se como condição, conforme dispõe o artigo 413, do Código de Processo Penal, a existência de indícios suficientes de autoria ou participação para a pronúncia do Acusado. Com a existência dos indícios, não se retira a competência do Conselho de Sentença para julgamento da causa posta.

Neste ponto, imperioso salientar que o encontro de anotações pessoais de CAPITOLINA quanto à compra de um medicamento, em local de notória venda de venenos e com o mesmo preço daquele que resultou em sua morte, de nada afasta a tese acusatória de culpa do réu. Pelo contrário, ainda que tivesse o condão de





# TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

## COMARCA DO RIO DE JANEIRO

### 1ª VARA DO JÚRI

gerar dúvidas quanto à culpabilidade, em observação ao princípio *in dubio pro societate*, é imperiosa a pronúncia.

Passa-se, por hora, à análise das qualificadoras elencadas pela denúncia.

O envenenamento constitui uma qualificadora no crime de homicídio – artigo 121, § 2º, III, do Código Penal –, uma vez que, além da dificuldade de prova, a punição do agente também se torna mais árdua. Ademais, o homicídio qualificado só será constituído se o veneno for ministrado à vítima de maneira insidiosa, sem o seu conhecimento.

Resta clara a *causa mortis* da vítima, pois constatada por laudo necroscópico acostado aos autos. Sendo assim, a incidência desta qualificadora se torna certa.

Outrossim, a qualificadora motivo fútil - artigo 121, § 2º, II, do Código Penal – se configura pelo antecedente psicológico que é desproporcionado da reação homicida, envolvendo maior reprovabilidade e, conseqüente, culpabilidade do agente.

Ao que as provas sugerem, BENTO, em tese, teria matado CAPITOLINA ministrando veneno ao chá, pelo simples fato de esta ter deixado a Europa e voltado ao Rio de Janeiro, reacendendo a possibilidade de escândalo social em razão da situação conjugal em que se encontravam. Ainda, é possível, que supostamente a tenha matado para por um basta nas dúvidas de paternidade e fidelidade que sobre ele pairavam.

A qualificadora do inciso IV, artigo 121, § 2º, do Código Penal prestigia as situações em que a vítima, surpreendida pelo comportamento do agente, tem diminuída ou até mesmo eliminada sua possibilidade de defesa.



# TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

## COMARCA DO RIO DE JANEIRO

### 1ª VARA DO JÚRI

Nesta senda, CAPITOLINA, ao pedir que José Dias enviasse a já referida carta a BENTO, provocou uma reação deste, qual seja, a de procurá-la para esclarecer a situação que tinha se estabelecido. Entretanto, ao ministrar, em tese, veneno ao chá de CAPITOLINA, as chances de reação ao injusto são diminuídas. Contudo, tal situação já teria sido alcançada pela qualificadora do inciso III, do artigo 121, § 2º, do Código Penal, pois trata da situação em específico.

Todavia, não vislumbro a possibilidade de retirar do Conselho de Sentença a análise da qualificadora da utilização de recurso que dificultou a defesa do ofendido, pois há indicativos além do veneno que delineiam o ataque surpreendente à vítima, como a luta corporal.

A jurisprudência vem firmando entendimento de que “a exclusão das qualificadoras, na pronúncia, somente pode ocorrer quando se verificar, de plano, sua improcedência (...). É vedado, nessa fase, valorar as provas para afastar a imputação concretamente apresentada pela acusação, sob pena de se usurpar competência do juiz natural da causa, o Tribunal do Júri” (HC 110421/RN – HABEAS CORPUS 2008/0148954-6 – Re. Min. Paulo Galotti – Sexta Turma – J. 25/11/2008 – Dje 15/12/2008).

Ao cabo, torna-se viável a imputação da circunstância agravante do artigo 61, II, e, do Código Penal, haja vista que, em tese, o homicídio teria sido cometido por BENTO em desfavor a seu cônjuge, CAPITOLINA.

Diante do exposto, com fundamento no artigo 413, do Código de Processo Penal, PRONUNCIO o Acusado BENTO FERNANDES SANTIAGO, qualificado nos autos, como incurso no artigo 121, § 2º, incisos II, III e IV c.c. artigo 61, II, e, ambos do Código Penal, em virtude do homicídio triplamente qualificado e agravado em tese praticado contra a vítima MARIA CAPITOLINA SANTIAGO, a fim de que seja submetido a julgamento perante o Tribunal do Júri.



# **TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO**

## **COMARCA DO RIO DE JANEIRO**

### **1ª VARA DO JÚRI**

O acusado vem respondendo aos termos do processo em liberdade, assim devendo permanecer, porquanto não se identifique, na espécie, nenhum dos pressupostos da custódia cautelar.

P.R.I.C.

Rio de Janeiro, 11 de setembro de 1880.

## **RELATÓRIO**

Processo n.º: **0000000-00.1880.8.26.0052**

Classe – Assunto: **Ação Penal de Competência do Júri – Homicídio Simples**

Autor: **Ministério Público do Rio de Janeiro**

Réu: **Bento Fernandes Santiago**

Juiz(a) de Direito: Dr(a).

Vistos.

O Ministério Público do Rio de Janeiro denunciou **BENTO FERNANDES SANTIAGO**, qualificado nos autos, como incurso no artigo 121, parágrafo 2º, incisos II, III e IV, cumulado com o artigo 61, inciso II, alínea “e”, ambos do Código Penal, em razão de matar a vítima **MARIA CAPITOLINA SANTIAGO**, com emprego de veneno e agindo com intenção homicida, fatos estes ocorridos no dia 18 de janeiro de 1880, por volta das 22 horas, na Rua do Lavradio, n.º 34, Bairro das Laranjeiras da cidade e comarca do Rio de Janeiro. O crime teria sido cometido por motivo fútil, pois o Acusado pretendia evitar o escândalo que a permanência da vítima na cidade iria causar e por meio de traição, pois teria se aproveitado da confiança da vítima para levá-la a ingerir o veneno.

A denúncia foi recebida em 30 de março de 1880.

O Acusado foi citado pessoalmente e apresentou defesa preliminar em que negou a autoria dos fatos a ele imputados.



No curso da instrução foram ouvidas as testemunhas **JOSÉ DIAS**, que afirmou ter entregado ao Acusado uma carta da vítima pedindo que fosse ao seu encontro; e o Guarda Municipal Permanente **JOSÉ SILVA**, que afirmou ter encontrado o corpo e participado da investigação, informando que no curso das investigações foram encontrados resquícios de veneno na pia da cozinha e o livro de anotações de gastos da vítima que acusava a compra recente de um remédio não especificado.

Por último, o Acusado foi interrogado.

O Ministério Público e a Defesa apresentaram alegações finais orais.

A defesa apresentou pedido de desaforamento alegando dúvida sobre a imparcialidade do júri.

O Tribunal acolheu o pedido da defesa determinando o desaforamento do julgamento para a comarca de São Paulo.

Foi dada a decisão de pronúncia.

As partes não interpuseram recurso em face da pronúncia. Restando a mesma preclusa, os autos foram encaminhados a este Juízo.

Intimadas as partes, a acusação arrolou como testemunha em caráter de imprescindibilidade o Guarda Municipal Permanente **JOSÉ SILVA**. A defesa arrolou como testemunha em caráter de imprescindibilidade **JOSÉ DIAS** e requereu a realização de avaliação psicológica do Acusado.

Saneado o processo, foi deferida a diligência requerida pela defesa.

Realizada a diligência, o laudo pericial foi juntado aos autos.

Inexistindo pendências ou nulidades a serem sanadas, inclua-se o processo da pauta da Reunião do Tribunal do Júri.

P.R.I.C.

São Paulo, 20 de setembro de 1880.

*Bentinho*

*Peguei-me recentemente olhando para trás. Queria entender o que o levou a tamanhas desconfianças e indaguei-me se correta à punição a que fui submetida por algo que não cometi.*

*Aquele dia não me sai da mente. Quando entrei no escritório e o vi juntamente com Exequiel em prantos. Perguntei-lhe o que havia ocorrido e obtive como resposta que o menino não era seu filho. Fiquei completamente estupefata.*

*Se se podia explicar tal injúria pela convicção sincera, entretanto você, que era tão cioso dos menores gestos, nunca havia revelado a menor sombra de desconfiança. Ri quando me falou que Exequiel seria filho de Escolar. Nem os mortos escapam aos seus ciúmes!*

*Sua desconfiança descalada se dava em razão da causalidade da semelhança, disse não tenho dúvidas. Mas a vontade de Deus explicará tudo. No entanto, injusta foi minha punição pela mera semelhança entre os dois quando Exequiel era pequeno. Apesar do seminário, Bentinho, você não acredita em Deus. Mas não toquemos nesse assunto. Não nos fica bem dizer mais nada a este respeito.*

*Confiei a Deus todas as minhas amarguras e curvi dentro de mim, que a nossa separação era indispensável. Disse-lhe que estava às suas ordens. Pois bem, arrependo-me de ter lhe deixado me guiar. Ora, como pude permitir ser afastada de todos que amo e um dia amei. Injustiça. Esta é a palavra que me vem à mente todas as manhãs quando acordo.*

*Olho para nosso filho Exequiel e sinto imenso pesar pela distância da avó e do pai. O pequeno sente tanto a sua falta. E tudo isso é culpa sua que nos afastou e nos exilou do Rio de Janeiro e de sua vida.*

*Tamamha injustiça!*

*Sinto tanta raiva de você de suas bobices e desconfianças. Mas sinto também um grande apreço e admiração pelo homem que já foi. Não consigo deixar de te elogiar para o nosso filho. Sim, nosso filho. Estou confusa pelo que sinto por você. Mas saiba que estou determinada a sair do exílio, estou determinada em permanecer no Rio de Janeiro.*

*Não posso mais permitir que você me exclua de sua vida desta maneira. Que você proíba o nosso garoto em viver perto da avó e dos ensinamentos do pai. Não consigo mais viver na Suíça. Não consigo me adaptar ao clima, não à toa tenho ficado constantemente doente. Além disso a neve tão bonita que cai no inverno é capaz de nos fazer pensar. Pensar sobre o valor da vida, seu significado. Eu penso todos os dias nos anos que passamos juntos Bentinho. Em como éramos felizes naquele tempo, brincando no Engenho Novo, na Rua de Matarcaralos. Como era bom aquele tempo. Como sinto saudades. Mas sinto saudade daquele Bentinho e não do homem que ele se tornou. Quando penso em você e em que você fez, sinto raiva, sinto ódio e tristeza. E não apenas de você mas também de mim.*

*Pedirei a José Dias que lhe entregue esta carta a fim de que saiba que retorno ao Rio. Não adianta tentar me impedir, pois aqui já me encontro.*

*Gostaria muito de encontrá-la para que possamos discutir o nosso futuro. Por favor venha até o local em que estou hospedada na Rua do Larradio 34, Bairro das Laranjeiras. Saiba que independentemente do que queira não me importo mais em mostrar a todos a nossa separação para que vejam o homem que você realmente se tornou Bentinha e como não tem Deus no coração.*

*Espero que algum dia consiga compreender tamanho erro que cometeu quando atar as duas pontas de sua vida.*

*Capitu*



## **PARECER BENTINHO E CAPITU**

### **1. BENTINHO**

O termo Casmurro associado à personagem vem de um episódio inicial do romance, em que ele não presta atenção em uma poesia declamada por outra pessoa. Mais que um nome, o adjetivo já representa uma característica de anterior ao recluso, calado, que é o autocentrado. Casmurro vem de uma impossibilidade de olhar o outro.

Parece ser essa uma das características centrais da personagem; estar sempre mais interessado em suas próprias coisas. Há um episódio em que isso se torna marcante: seu amigo Manduca morre e ele não consegue ver o drama do pai. Este avisa-lhe e ele continua andando voltado para si mesmo sem prestar-lhe atenção. Essa característica vem de um homem que é filho único e extremamente cuidado e mimado (ainda que isto não esteja explicitado no texto) pela mãe.

Apesar de Bentinho, afirmar que Capitu é a dissimulada, ele também, de alguma forma, identifica-se com isso no momento em que tem que falar com João Dias sobre o fato de não querer ir para o Seminário. Afirma que nem ele mesmo conhecia esse seu lado.

Bentinho mostra-se também extremamente sem personalidade. Não consegue jamais dizer um não à mãe, mesmo que queira.

O delírio com a visita ao Imperador também aponta para um homem bastante vaidoso e narcisista. O Imperador não só vai interferir por ele como também será visto por toda a sua vizinhança.

Os traços de alguém impiedoso diante da morte e egocêntrico também se manifestam no momento em que está no Seminário e é chamado para ir ver sua mãe. Como deseja sair de lá, imagina que sua mãe morresse isso seria um grande remédio. Apesar de abominar os seus pensamentos, eles estão aí bastante presentes.

Há também um sentimento de superioridade associado à classe social. Esse parece constitui-lo desde os momentos primeiros, ainda que só apareça pela fala de José Dias. No episódio do Santíssimo, o pai de Capitu cede a sua vela para Bentinho porque José Dias diz que ele merece estar naquele lugar e não Pádua. Ainda que não concordasse com Dias, Bentinho aceita a vela sem qualquer objeção.

A visão sobre Capitu também está mediada por esse preconceito de classe. Os adjetivos cigana oblíqua e dissimulada – principalmente a dissimulada – permeiam a narrativa – que é contada por ele – ao referir-se à Capitu.

Bentinho pode ser considerado um homem bastante ciumento. Seu ciúme brota em um momento em que Capitu olha para um moço à cavalo que passa diante de sua janela. A suposta troca de olhares faz com que outra frase de Dias volte a sua cabeça: “Aquilo, enquanto não pegar algum peralta da vizinhança que case com ela...”

Esse ciúmes doentio voltará em diferentes momentos culminando com a revelação sobre a dúvida a respeito da paternidade de Ezequiel. Capitu dirá que até dos defuntos ele começa a duvidar.

Interessante observar que a dúvida sobre o amigo surge após um aperto de mãos e troca de olhares com a mulher de Escobar. Ele diz que se essa fiz isso, Capitu também é capaz de fazer.

O desejo de Bentinho parece ter sido espelhado em Capitu.

Bentinho também se apresenta como um homem capaz de matar desde o momento em que sente ciúmes de Capitu e lembra da frase de Dias citada acima. Aí ele afirma que gostaria pegá-lo pela goela.

O ponto culminante desse impulso assassino se dá no momento em que tenta fazer com que seu filho beba o veneno que ele havia comprado. Apesar dele narrar que havia desistido disso, o comportamento de Bentinho, parece dizer o oposto.

Pode-se afirmar então que Bentinho tem uma personalidade extremamente egocêntrica, narcisista, vaidosa, preconceituosa e violenta.

## 2. CAPITU

Capitu, até o momento do casamento com Bentinho, tem uma irreverência – Bentinho diz que ela já tem ideias atrevidas -, que, posteriormente, a transforma em uma mulher subjugada pelo marido.

Durante toda a sua adolescência, Capitu dominou Bentinho. Podemos observar isso a partir do momento em que Bentinho irá contar a ela que sua mãe quer que ele vá para um Seminário. Apesar de sua imensa raiva, decide que devem buscar um aliado para isso. Será ela quem arquitetara todos os planos para que Bentinho não seja padre.

Capitu será quem autora da conversa com José Dias; percebe-se uma mulher fria e estratégica, que consegue agir com racionalidade e dissimulação.

Dissimulação é a palavra que mais Bentinho usa para descrever Capitu. Ela é efetivamente dissimulada. Em todos os momentos que os dois são colocados à prova, Capitu consegue disfarçar e encobrir seus sentimentos.

José Dias a descreve como “cigana oblíqua e dissimulada”.

Poderia se afirmar que é uma mulher que pretende ter ascensão social uma segurança no casamento e a família de Bentinho pertence a uma classe social mais “alta”.

Capitu também tem uma frieza diante dos fatos. Bentinho afirma que nem nos momentos piores ela perdia a fome; pode-se perceber também que tão pouco se descontrola.



# TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

COMARCA DO RIO DE JANEIRO

1ª VARA DO JÚRI

Processo n.º: 0000000-00.1880.8.26.0052

Classe – Assunto: Ação Penal de Competência do Júri – Homicídio Simples

Autor: Ministério Público do Rio de Janeiro

Réu: Bento Fernandes Santiago

## TERMO DE INTERROGATÓRIO

**Antes de se iniciar o interrogatório, foi o réu informado pelo Juiz do seu direito de permanecer calado e de não responder perguntas que lhe forem formuladas.**

À época da tragédia, eu, Bento Santiago, como bem faço hoje, assistia na cidade do Rio de Janeiro, nas redondezas do Engenho novo, prédio assobradado, três janelas de frente e varanda ao fundo, tal qual aquele outro em que me criei, na antiga rua de Mata-cavalos, onde com Capitolina cresci e por ela me apaixonei. Me formei bacharel em Direito, estudei as belas leis na Escola de São Paulo, mas não exerci por muito; vá, consegui algumas procurações, venci algumas demandas, causas outras perdi, mas nunca precisei de ordenado. Vivo dos alugueis das casas e escravos deixados por minha mãe, com a renda de 1:070\$000 mensais, a mesma calculada por meu amigo Escobar quando éramos apenas seminaristas. Sobre todos os papéis que vejo nos autos? Não posso reconhecer como verdade o que levianamente narram. Não é novo que a minha alma, por mais lacerada que tenha sido pelo matrimônio desgastado, não ficou aí para um canto como uma flor lívida e solitária. Não lhe dei essa cor ou descor. Vivi o melhor que pude sem me faltarem amigas que me consolassem da primeira. Caprichos de pouca dura, é verdade. Mas daí para ser o assassino de Capitu, há um abismo. Capitolina sempre será a primeira amada do meu coração, donde este não deixaria que minhas



# **TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO**

## **COMARCA DO RIO DE JANEIRO**

### **1ª VARA DO JÚRI**

mãos a ela fizessem qualquer mal. É verdade, entretanto, que a encontrei no dia de sua morte. Logo pela manhã o já cansado José Dias entregou-me uma epístola de Capitu que, para não perder o hábito, caracterizou como urgentíssima. A letra trêmula, muito diferente do que era há 20 vinte anos, relatava o retorno ao Rio de Janeiro com seu filho Ezequiel, pedia ainda que eu a fosse ver e em seguida dava o novo endereço. Muito ponderei sobre o pedido, mas decidi por bem ir. Já sem os raios de sol do dia, sem saber ao certo a hora exata, me dirigi ao endereço rabiscado na carta. A mulher que atendera a porta já não parecia a menina com que me casei, ou será que parecia e nunca havia percebido? De todo modo, já dentro da casa, insistiu em dizer que não me importava mais com ela ou, o que era pior, com o filho. Confesso que a palavra soou entranha: filho; seu significado, quando vinda dos lábios de Capitu, parecia um pouco mais próximo do que eu por muitos anos jurei ser. Mas o sentimento não durou muito, a visão de um porta retratos com uma foto dela e de Ezequiel me lembrou o que aquilo de fato significava para mim. Naquela foto eu não vi a mim, não via mamãe, papai, Pádua e sua mulher, ou mesmo Capitolina, mas as molduras apenas enquadravam o corpo e rosto do meu grande amigo Escobar, com trajes à moderna. Ao levantar o olhar para Capitu, que percebera sem quaisquer dúvidas o momento que tive, como sempre me percebera por inteiro, encontrei os olhos que há muito não via, de ressaca, mas que nessa hora mais pareciam de cigana oblíqua e dissimulada. É verdade que em alguns momentos da vida, há de ser fazer o que há de ser feito; não escondi meus sentimentos e afirmei minha diferença em relação ao filho de Capitolina. Depois daí, peço perdão pela memória, tudo aconteceu mais do que de depressa. Capitu se exaltou, gritou comigo, o que não mexeu muito com meu ânimo. Foi quando ela pegou o porta retratos, no entanto, e o aproximou que mim que senti uma espécie de repulsa, como que um encontro forçado entre dois polos positivos de um imã; tomei o objeto da mão dela e o atirei contra o chão; não sem que antes esteve resvalasse um pouco na barra de seu vestido e causasse algum dano ao tecido. Nela não tocou, disso sou seguro. Mas como disse, palavras foram e voltaram, apenas não me lembro seu teor e ordem. Capitu, que já não mais medida o tom ou o vocabulário, me assustava, e eu, provavelmente depois de alterar a voz algumas vezes, decidir partir para nunca mais voltar. O caminho entre a porta de



## TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

### COMARCA DO RIO DE JANEIRO

#### 1ª VARA DO JÚRI

saída daquela casa e a porta de entrada da minha, apesar de não ser do todo estranho, foi percorrido em um lapso temporal do qual não guardo qualquer recordação. Apenas tenho a lembrança de encontrar José Dias na porta de minha casa, com notícias tristes vindas da casa de mamãe. Por um momento não mais lembrei do que se passara antes daquele momento e me dediquei a me despedir de uma mulher que verdadeiramente fora uma santa. Apenas no dia seguinte fui informado da morte de Capitu, o que, confesso me entristeceu, como não poderia ser diferente. Não importa qual Capitu morreu, ou se a que morreu era precisamente a mesma que vivera comigo, não haveria como não sentir o amargor de uma história que se encerra antes do fim. Mas dizer que a matei? Com veneno? Tudo acaba, senhores; é um velho truísmo, a que se pode acrescentar que nem tudo o que dura, dura muito tempo. Mas sei que não é meu o papel de abreviar aquilo que dura, ou mesmo decidir até quando aquilo, que é a vida, durará. Só Deus pode fazê-lo, como faz, mas se neste caso o fez, não tomou minhas mãos por instrumento. Até onde ousar dizer, Capitu, ao fim, dissimulou da própria vida.

**Dada a palavra à acusação, foi perguntado ao Réu: Doutor Santiago, muito nos emocionam as palavras cuidadosamente esculpidas. Mas é fato provados nos autos, e em momento algum pelo senhor mencionado, que junto a vossos pertences, após diligência em vossa casa, foi encontrado frasco contendo a mesma substância que levou a Senhora Capitolina à morte. É possível explicar isso?**

Senhores, o veneno já quis me prestar utilidade em duas oportunidades na vida, entanto nenhuma delas com fins matar Capitu. Na primeira, logo quando Ezequiel nasceu, a mãe estava com febre, Sancha vivia ao pé dela, e três cães na rua latiam toda a noite. Como o fiscal não tomara as providências, resolvi então matá-los; comprei veneno, mandei fazer três bolas de carne, e eu mesmo inseri nelas a droga. De noite, saí; era uma hora; nem a doente, nem a enfermeira podiam dormir, com a bulha dos cães. Quando eles me viram, afastaram-se, dois desceram para o lado da Praia do Flamengo, um ficou a curta distância, como que esperando. Fui-me a ele, assobiando e dando estalinhos com



# TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

## COMARCA DO RIO DE JANEIRO

### 1ª VARA DO JÚRI

os dedos. O diabo ainda latiu, mas fiado nos sinais de amizade, foi-se calando, até que se calou de todo. Como eu continuasse, ele veio a mim, devagar, mexendo a cauda, que é o seu modo de rir deles; eu tinha já na mão as bolas envenenadas, e ia deitar-lhe uma delas, quando aquele riso especial, carinho, confiança ou o que quer que seja, me atou a vontade; fiquei assim não sei como, tocado de pena e guardei as bolas no bolso. Pode parecer que foi o cheiro da carne que remeteu o cão ao silêncio. Não digo que não; mas cuido eu que ele não me quis atribuir perfídia ao gesto, e entregou-se-me. A conclusão é que se livrou. Na segunda oportunidade, e aqui confesso com algum receio, quis colocar fim a minha própria existência. Comprei o veneno, esperei que o copeiro me trouxesse o café no gabinete, derramei aquele neste e, ao olhar para a fotografia de Escobar, inspirei o ânimo que faltava. “Acabemos com isso”, pensei. Mas junto com o ar que entrava pelas narinas, entrou o brando de Ezequiel pelos meus ouvidos. Se eu não olhasse para Ezequiel, é provável que não estivesse aqui, porque o meu primeiro ímpeto foi correr ao café e bebê-lo. Cheguei a pegar na xícara, mas o pequeno beijava-me a mão, como de costume, e a vista dele, como o gesto, deu-me outro impulso que me custa dizer aqui; mas vá lá, diga-se tudo. Chamem-me embora assassino; não serei eu que os desdiga ou contradiga por este único fato; o meu segundo impulso foi criminoso. Inclinei-me e perguntei a Ezequiel se já tomara café. Mas não, não consegui finalizar o ato e não deixei o menino beber o café, ainda que quisesse. Reprovem-me, eu por justo mereço, a moral me condena pela existência do próprio impulso, mas é importante dizer que a lei não. Posso até ter desejado, posso cogitado, mas se não exteriorizei os atos, o que não fiz por ser fraco, os tribunais não podem alcançar minha consciência. Reconheço que o frasco de veneno encontrado pode ser o mesmo com os restos do que não utilizei, ou pode ser outro qualquer que um empregado tenha comprado para qualquer fim caseiro. Mas se essa substância vil procurou se avizinhar, e até certo ponto conseguiu, nela nunca depus minha amizade e confiança, talvez menos ainda minha coragem. Senhores, não tive forças para usar a matéria maldita contra Ezequiel, não tive coragem para usá-la contra mim mesmo, faltou decência para utilizá-la até com animais, como poderia eu, diante de tudo, vir a testar seus efeitos naquela que fora, entre idas e vindas,





# **TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO**

## **COMARCA DO RIO DE JANEIRO**

### **1ª VARA DO JÚRI**

o primeiro e único amor de meu coração? É que não poderia. À Capitu, que não matei, não desejo nenhum mal, mas apenas que a terra lhe seja leve.